

## PROJETAR A PERIFERIA

*Joan Villà*

A memória daquelas imagens perdura, por sua transcendência, salva da banalização dos noticiários de TV. A repetição nos dias, meses e anos seguintes não rompeu a magia de um acontecimento, limite entre a realidade e a ficção. A alunissagem da estranha máquina - precocemente anacrônica - seguida dos passos reticentes de Armstrong no seu caminhar sem gravidade, dramatizou o gesto solitário de oferecer, ao anônimo viajante do futuro, uma caixa contendo sinais da existência humana, resumidas no fetichismo cotidiano de alguns símbolos: um isqueiro ZIPPO, um par de óculos BAUSCH & LOMB, uma caneta PARKER 51, um preservativo JONTEX, um jeans LEVI STRAUSS e um cartão postal de MANHATTAN. Na imagem do cartão postal, o grande sonho americano e a aventura do arranha céu como seu maior paradigma.

Mimetizados em Paris-Texas, Tokyo-Hong Kong, São Paulo-México, Caracas-Calcutá tornaram-se sonhos e paradigmas universais. Contudo, sonhos e paradigmas dos séculos XIX-XX. História, definitivamente. Como Armstrong na grandiosa epopéia de seu gesto solitário.

A cidade contemporânea que hoje se constrói procura, na Periferia, o cenário das imagens do século XXI. De Palladio a Le Corbusier, de Aleijadinho a Reidy, os novos territórios arquitetônicos foram sempre imaginados à margem da cidade estabelecida.

Estes novos territórios, espaços periféricos conformados por referências descontínuas da cidade consolidada, foram sempre espaços com uma grande capacidade de antecipar o novo, de suscitar a invenção, de sugerir o lugar daquilo que ainda não foi feito.

Objeto do pensamento arquitetônico mais recente, ocorre frequentemente com a Periferia algo semelhante ao que ocorreu durante anos com os temas de reabilitação dos centros históricos: a dificuldade de sua abordagem, de sua compreensão e de seu projeto. Esta dificuldade resulta tanto da complexidade da cidade moderna, quanto das mudanças que nela se produzem e da velocidade com que se processam.

Ao contrário do que ocorre com os espaços de centralidade histórica, que geralmente permitem a percepção de sua globalidade, os espaços periféricos somente podem ser apreendidos de forma fragmentária, através da descontinuidade territorial de seu desenvolvimento.

De qualquer maneira, a complexidade da Periferia mais evidencia do que oculta a construção histórica da segregação de que têm sido objeto determinadas funções urbanas. Estas, deslocadas para fora dos limites da cidade tradicional, plasmaram ao longo do tempo as clássicas relações de Centro e Periferia. Nelas, uma hierarquização espacial e funcional enfrentou, em campos opostos, centralidade e segregação, como limites de um amplo espectro.

Muralhas e marginais foram e são, entre outros, a concreção física dos limites entre a cidade e a não-cidade ou, nos termos de H. Lefebvre, entre o espaço urbano e o espaço urbano-desurbanizado.

A Periferia apresenta vestígios de uma acumulação histórica em que as sucessivas funções segregadas da cidade permitem uma leitura comparável às camadas sedimentares de distintos extratos, encontráveis numa exploração arqueológica: os cemitérios de distintas épocas, o comércio fora das muralhas na cidade medieval, a manufatura a partir do século XV, os quartéis, as prisões e hospitais a partir do século XVIII, as fábricas e os bairros operários a partir de meados do século passado.

Hoje, ao lado dos pólos industriais, estão os loteamentos suburbanos, os conjuntos habitacionais e os assentamentos auto-construídos, como fronteiras avançadas e permanentes da construção da cidade.

Recentemente, ao lado das funções urbanas tradicionalmente marginalizadas, observamos, em muitas cidades, o deslocamento para a Periferia de atividades de grande importância, tanto do ponto de vista econômico como do cultural e social: pólos industriais de tecnologia avançada, centros docentes e de investigação, bairros de alto nível, centros comerciais e de serviços, etc... Paralelamente, a obsolescência de grandes instalações industriais e comerciais e de infra-estruturas urbanas deixam inativas áreas outrora periféricas mas hoje relativamente centrais, configurando o surgimento de uma "Periferia Interior".

As clássicas relações de Centro e Periferia se vêem subvertidas.

A Periferia - seja pelas suas novas funções, seja pela indefinição de seu território - não é mais a coroa envolvente da cidade consolidada. Infiltra-se dentro dela, acentuando sua descontinuidade. A cidade contemporânea vai gradativamente conquistando sua nova feição, assumindo a Periferia a imagem emblemática desta mudança.

Que resultados produzem estas transformações sobre a arquitetura e o desenho urbanos? Com que formas arquitetônicas e tipologias urbanas vão se construindo estas novas paisagens? De que modo seu universo tátil, visual, concreto, vai se configurando como suporte de uma mudança que a cidadania explicita em suas lutas?

Na construção da cidade contemporânea, restam muitas questões pendentes, além de novos desafios. Continuam sem solução muitos dos velhos problemas dos trabalhadores, enquanto se acumulam as novas exigências da cidadania. Os déficits não são apenas quantitativos.

As soluções devem consultar a experiência acumulada dos sindicatos e dos movimentos sociais urbanos. Não podem ignorar os partidos, deixar de lado a universidade, marginalizar os profissionais e suas entidades. Não podem prescindir de todo um arco participativo que deve se dar de forma ativa e complementar na construção da cidade que se pretende de todos.

A cidade contemporânea, que se constrói hoje nesta Periferia caleidoscópica, não pode ser o palco exclusivo de ninguém, o campo privilegiado de nenhum segmento, a reserva privada de quaisquer interesses. A participação cidadã - das questões mais abrangentes às intervenções mais pontuais - quando se dá, não só evidencia o grau de democracia enquanto nível de civilização alcançada, como permite que as propostas de

transformação urbana adquiram nitidez e os seus principais instrumentos - o político e o projetual - ganhem em clareza e consistência.

Quando estas condições se dão, aqui e ali, de Curitiba a Barcelona, o espaço público deixa de ser a terra de ninguém, o campo da especulação e da mistificação, o território da usurpação e da barbárie, para se tornar a casa de todos nós. E é a partir daí que a arquitetura, no conceito de Henri Ciriani<sup>1</sup>, adquire sua Permanência, “quando as pessoas passam não só a entender como a apreciar e a manter o que se fez”. Mas à Permanência só se chega através da Pertinência que, ainda segundo Ciriani, só se dá quando a Arquitetura surge como “algo vinculado ao entorno, ao aspecto social, econômico, ideológico, ao pensamento político, ao seu cliente”, ou seja, quando a participação cidadã se dá. Ou haverá alguma outra forma mais pertinente?

Outra questão, ainda, é a da especificidade da Arquitetura, cujo desenho e essência se definem num quadro projetual cada vez mais plural, sem entretanto prescindir de momentos criativos e de opções de cunho eminentemente singular ou pessoal. Mesmo estas questões ligadas à formalização do discurso arquitetônico, que mais uma vez Ciriani chama de Presença da Arquitetura, podem adotar caminhos ou produzir desvios em função de ancorarem mais ou menos suas propostas num contexto de Pertinência.

A Periferia, enquanto território aberto à especulação projetual, tem sido palco freqüente de idealizações que convém analisar e criticar rigorosamente no plano estritamente profissional.

Uma delas se refere a uma especulação culturalista que tem esboçado algumas incursões na discussão teórica da ocupação da Periferia. Oriol Bohigas caracteriza bem esta tentativa de veicular a fragmentação e a dissociação descontínua da cidade moderna nas grandes expansões periféricas, “exteriores” ou “interiores”: “*A nova estética do subúrbio, do testemunho da decomposição, são idéias amiúde transpostas da pintura e da literatura ao urbanismo e à arquitetura, que nos parecem interessantes atitudes críticas, mas amiúde também, soluções de conciliação face à dificuldade de*

---

<sup>1</sup> Ver “AU” N<sup>o</sup> 22, pg 71 “Assumir a dimensão social”, S. Paulo, Ed. PINI, 1989.

*mudar, de forma contundente, as imagens tão penetrantes da cidade especulativa*"<sup>2</sup>.

Outra idealização é a que tem se caracterizado pela redução a uma suposta "imagem" ou "cultura popular", promovendo níveis aberrantes de subcultura arquitetônica e urbana. Forma de um populismo regressivo que tem reforçado o caráter marginal da Periferia<sup>3</sup>.

Finalmente, a observar ainda, as tentativas contextualistas que procuram mimetizar, ora a pobreza circundante, ora as tipologias da cidade consolidada.

A Periferia, enquanto espaço metropolitano emergente, oferece-se como campo da experimentação projetual e, neste sentido, obriga a uma reflexão constante e a uma tomada de posição permanente.

Pretendemos, e é conveniente dizê-lo sem rodeios, a elaboração de uma idéia positiva de Periferia. Uma idéia positiva - não uma idealização! - que seja capaz de contrastar o conceito negativo e reducionista da Periferia como degradação da cidade central. Uma idéia positiva de Periferia que seja capaz de reconhecê-la como território ativo do projeto e como cenário da construção da cidade contemporânea. Uma idéia positiva de Periferia em que as novas formas de arquitetura e as novas tipologias urbanas sejam capazes de transformar a vida cotidiana pela quantidade necessária das intervenções - independentemente de sua magnitude - mas principalmente pela sua qualidade.

Hoje, como ontem, procuramos respostas a novos questionamentos e inquietações de natureza distinta.

Deve haver outra forma de construir sem os problemas das obras que conhecemos: se é difícil continuar propiciando o trabalho artesão, é também impossível aceitar a forma de industrialização que se nos impõe. Deve existir a possibilidade de realizar a Construção da Arquitetura de uma forma econômica e que ao mesmo tempo potencie a qualidade, consuma mão de obra, não degrade os recursos naturais, que seja compatível com as culturas locais e se transforme em fator do seu

<sup>2</sup> "La Villa Olímpica - Barcelona 92" Ed. GG, Barcelona, 1991.

<sup>3</sup> SEGRE, Roberto "América Latina, Fim de Milênio. Raízes e Perspectivas de sua Arquitetura". S. Paulo, Estúdio Nobel, 1991.

desenvolvimento, que seja interativa com outras formas de conhecimento sem alienar o trabalhador, e que seja eficaz sem depender da hierarquia centralizada das decisões...

As respostas a estas questões não são poucas, nem simples. Não ignoramos que são necessárias novas indagações para obter novas e melhores respostas. Mas a situação que vivemos nos demonstra que não há caminho de volta, ou outro que não seja o de continuar enfrentando os problemas que acossam não somente a Construção nem exclusivamente a Arquitetura.

E se fazemos esta dupla referência é por desejar afirmar, uma vez mais, as relações entre a técnica e a composição no decorrer da história, e contrastá-las com a aberrante situação atual em que cada vez mais a técnica construtiva se desvincula do projeto arquitetônico.

*“O sono da razão engendra monstros”*, nos dizia Goya.

E outra coisa não são as construções de *papier-maché* com que se edificam os novos classicismos - cenários descartáveis que tentam inutilmente recuperar uma ordem irremediavelmente perdida. Monstros também, muitos dos exemplos da alta tecnologia: mais propaganda do que produto, mais ideologia do que realidade, ao não conseguirem esconder a precariedade do protótipo travestido de falso profeta, anunciando a promessa de uma ilusão tecnológica.

Nas duas evocações, tanto na do passado, quanto na do futuro, evidencia-se a mistificação e o vazio do presente. Entre as duas, a falsa imagem de movimento esconde-se no pesadelo pendular.

Rechaçar a mistificação e recheiar de conteúdos as lutas e soluções do dia a dia são nossos desafios. Não são poucos. Não obstante, as questões estão claramente postas, faz muito tempo. Principalmente na América Latina.

## II

### UM CASO CONCRETO NA PERIFERIA DE SERTÃOZINHO: CONDOMÍNIO POPULAR EM QUARTEIRÃO

O Laboratório de Habitação do NUDECRI, através de convênio com a Prefeitura Municipal de Sertãozinho, vem desenvolvendo um conjunto de trabalhos de requalificação urbana naquela cidade. Um deles é a resolução de um problema de habitação para quarenta famílias de “sem teto”, atualmente abrigados sobre um aterro sanitário desativado.

O projeto apresentado e aprovado, e que terá sua construção iniciada em Outubro de 1995, reúne as seguintes características de Programa e de Desenho Urbano e Arquitetura.

#### 1. Programa

Trata a questão habitacional de forma integrada com o lazer, o trabalho e o abastecimento, reunindo no mesmo programa as quarenta unidades habitacionais, dois pequenos edifícios comunitários e dois pequenos estabelecimentos comerciais. Os edifícios comunitários atendem a necessidades de natureza diversa. Enquanto um se destina ao lazer, aos jogos e às festas da vizinhança, o outro abrigará uma oficina de trabalhos que permitirá a prestação de serviços por parte dos moradores: conserto de eletrodomésticos, empalhação de cadeiras, serviços de costura, execução de pequenos serviços de serralheria, marcenaria etc..

Desta forma, a Secretaria do Bem Estar Social de Sertãozinho propiciará, em paralelo com o programa habitacional, um outro de geração de emprego e renda.

#### 2. Desenho Urbano e Arquitetura

A arquitetura que responde a este programa integrado procura uma solução urbanística que prioriza o espaço público, o qual, na escala particular da intervenção,

se expressa no espaço comunitário. Esta preocupação se manifesta no próprio partido adotado que orienta desde os momentos iniciais as decisões de projeto, transformando os pressupostos conceituais em proposta arquitetônica.

A relação tradicional entre a residência e a rua foi mantida, deixando o espaço privado contornar todo o perímetro do quarteirão, enquanto, no seu interior, a diminuição da área dos quintais propiciou o lugar necessário para o espaço comunitário.

Uma rua reservada aos pedestres foi a estratégia para aceder ao interior do quarteirão, dividindo-o ao meio. (Fig. 1)

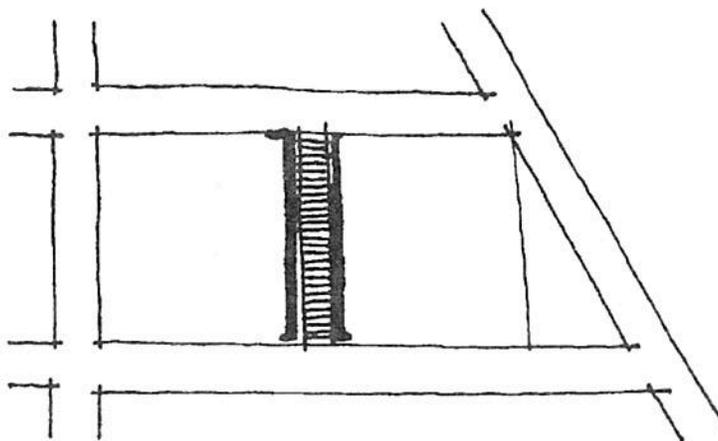


Fig. 1

Lateralmente à rua de pedestres, dos dois lados, localizaram-se duas pequenas praças quadradas que, para além das diferenças de uso e do tratamento dos pavimentos, constituem um espaço contínuo e unitário. (Fig. 2)

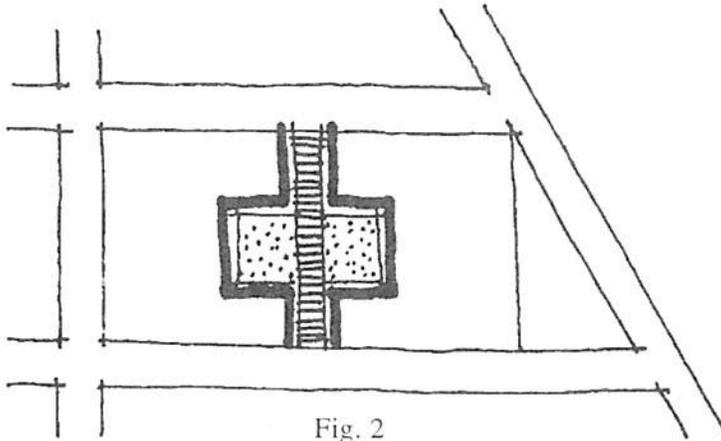


Fig. 2

Encabeçando as praças, dois pequenos edifícios abrigam as atividades comunitárias. (Fig. 3)

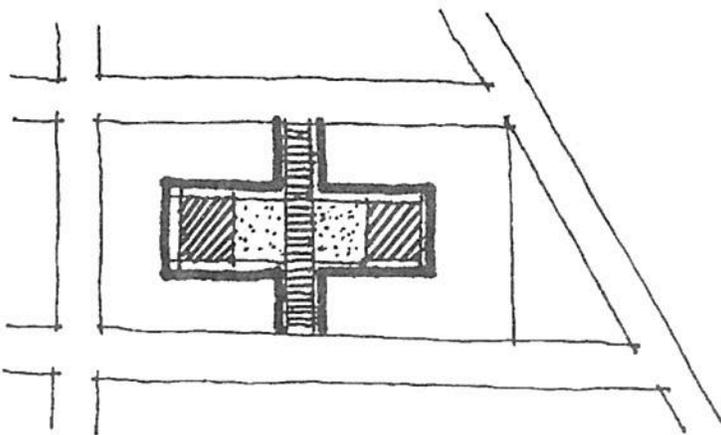


Fig. 3

Coberturas diferenciadas, uma em abóbada e a outra em planos inclinados segundo duas águas, marcam os usos de lazer e trabalho.

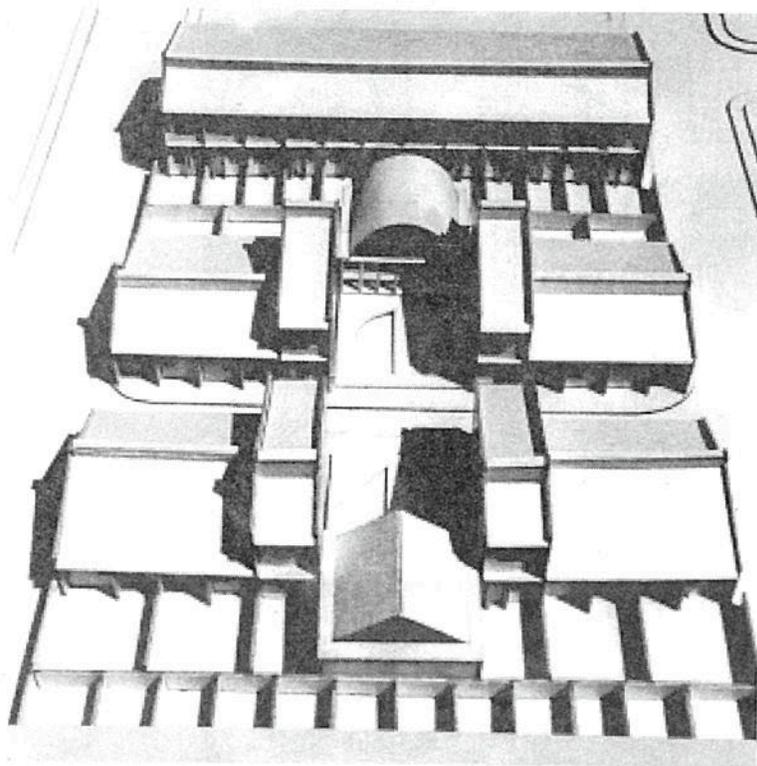
As residências são de dois tipos básicos: térreas e assobradadas, sempre geminadas, com jardins de frente e de fundos.

Esta variação procura atender dois aspectos: enquanto as residências térreas são melhor utilizadas por pessoas idosas e portadoras de deficiências físicas, as residências assobradadas permitem uma densidade maior na relação habitante/hectare, favorecendo uma menor ocupação do terreno e um melhor rendimento das infraestruturas e serviços públicos.

O uso conjugado destas duas tipologias residenciais permite uma diversidade volumétrica que, associada à presença dos edifícios comunitários, da rua de pedestres e das praças, confere ao conjunto riqueza de escalas, de formas e de espaços.

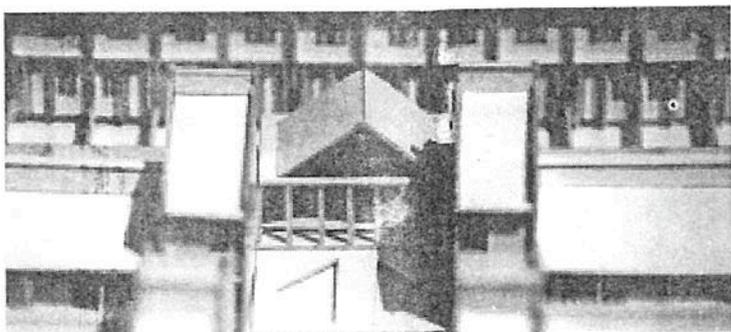
Todo o conjunto, incluídas as residências, utilizará para sua construção os painéis pré-fabricados cerâmicos desenvolvidos na Unicamp pelo Laboratório de Habitação, a exemplo da Moradia Estudantil, da Creche do HC e do Restaurante do Lago, entre outros.

Ficha Técnica:	Condomínio Popular em Quarteirão:
Localização:	Sertãozinho (SP)
Promotor:	Prefeitura Municipal de Sertãozinho
Área do Terreno:	Quarteirão com 4.058 m <sup>2</sup>
Área Construída:	2.504 m <sup>2</sup>
Área Ocupada:	1.667 m <sup>2</sup>
Densidade:	600 habitantes/hectare
Ano do Projeto:	1995
Autor:	Joan Villà
Co-autor:	Roberto Pompéia
Colaboradores:	Fernando Beugger Walter Junc Debora Doukan Mylene Goudet Edson Takahasi
Cálculo Estrutural:	Yopanan Rebello

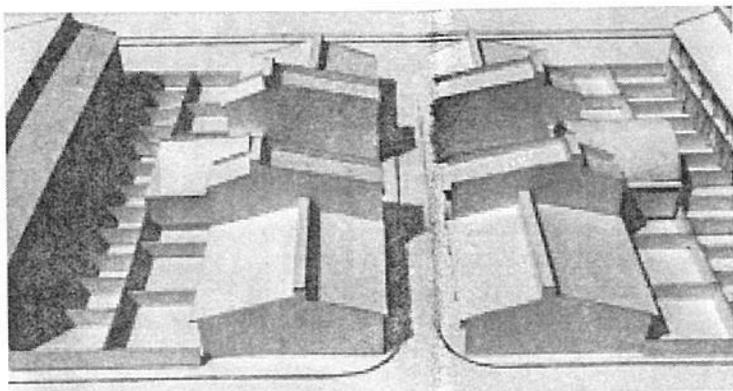


Vista do conjunto:  
*Condomínio Popular em Quarteirão*, Sertãozinho (SP)  
(maquete)

*Rua*, Campinas, 2:63-78, 1996



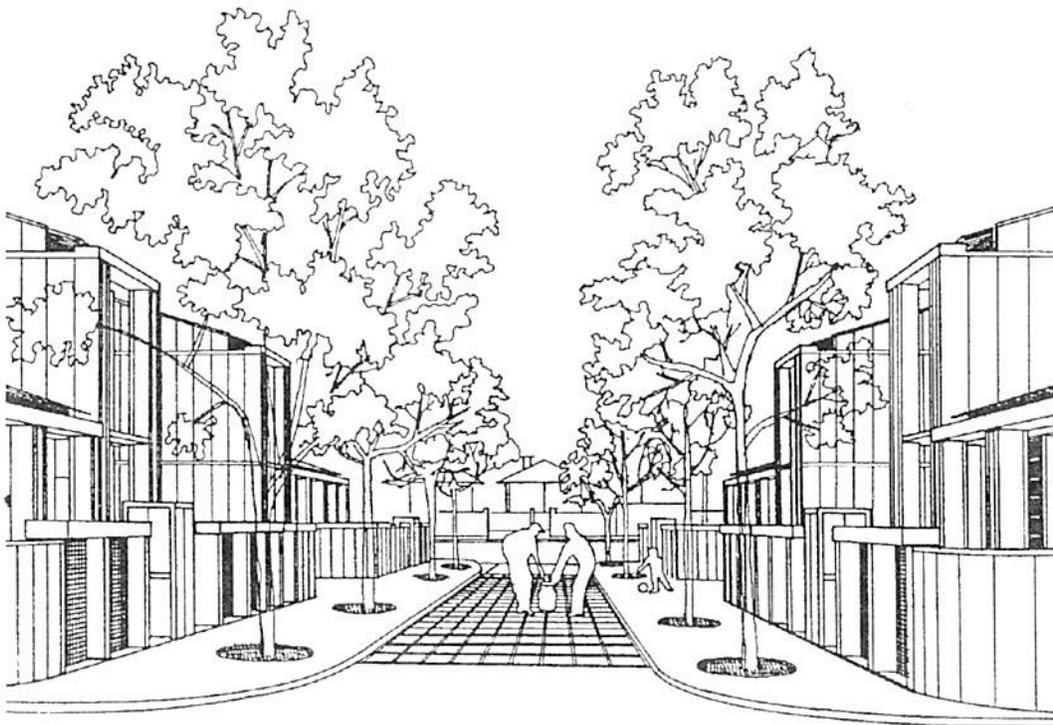
Vista da praça com  
o salão comunitário  
(maquete)



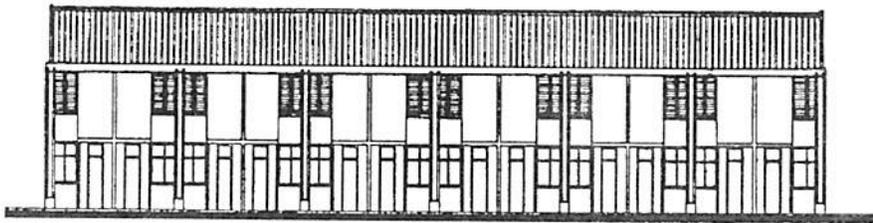
Vista da rua de  
pedestres que dá  
acesso ao interior do  
quarteirão, onde está  
localizado o espaço  
comunitário  
(maquete)



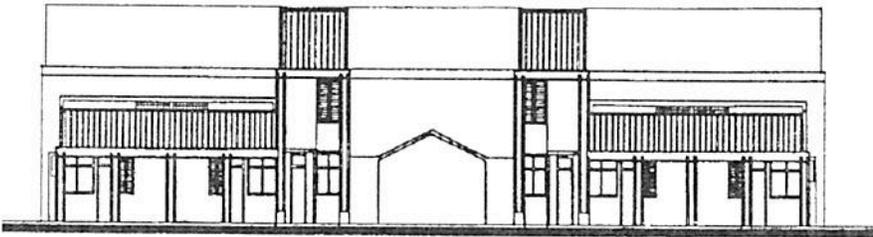
Vista da praça, da rua de pedestres e do salão comunitário localizados no interior do quarteirão. Condomínio Popular em Quarteirão em Sertãozinho, SP.



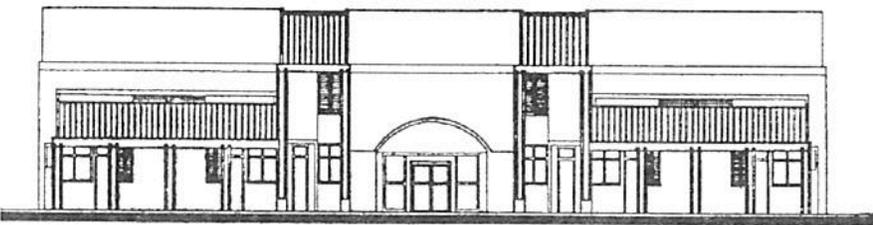
Vista da rua de pedestres que dá acesso ao interior do quarteirão, onde está localizado o espaço comunitário. Condomínio Popular em Sertãozinho, SP.



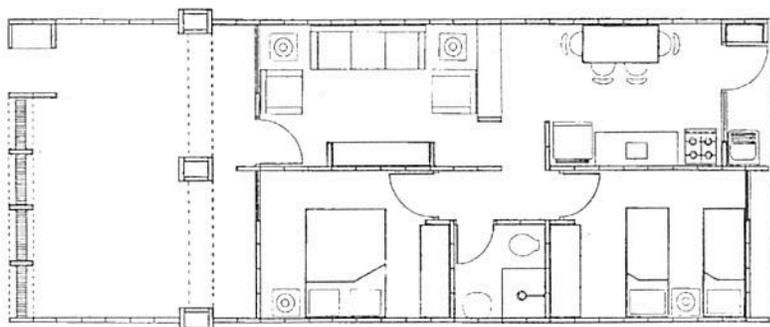
Elevação externa do condomínio:  
Sobrados geminados



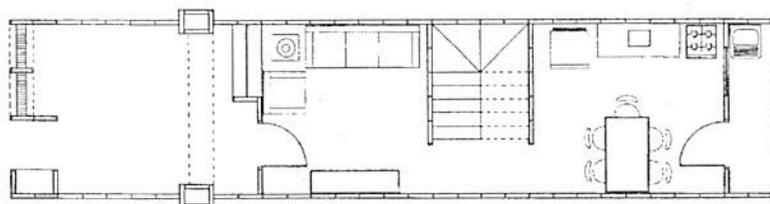
Elevação interna do condomínio:  
Casas térreas, assobradadas, comércio, praça e área coberta de lazer



Elevação interna do condomínio:  
Casas térreas, assobradadas, comércio, praça e salão comunitário



Planta das  
casas térreas.  
Condomínio Popular  
em Sertãozinho, SP.



Planta do andar  
térreo e do andar  
superior das casas  
assobradadas.  
Condomínio Popular  
em Sertãozinho, SP.

